

deve ter lugar o duello entre o barão e o sr. D. Telmo. Se persistem na recusa affrontosa que apresentam, o barão ha-de aggreir o sr. D. Telmo na nossa presença em toda a parte onde o encontrar, a cidade inteira tomará conhecimento d'este negocio, e o sr. D. Telmo será afinal obrigado pela opinião publica a bater-se com o barão, e depois comigo e com D. Francisco.

—Pois D. Telmo prefere esse escandalo, respondeu o coronel, a conceder ao sr. barão uma honra que elle não merece. Se um dos senhores quer tomar o lugar do sr. de Nassot, as nossas armas, condições, hora e sitio são as que determinarem. Se insistem no duello dos dois, então retiramo-nos e esperamos pelos resultados.

—Eu estou prompto a tomar o lugar do barão, replicou o mancebo com vigor. Não approvo o que elle fez, não o sabia, quando acceitei ser seu padrinho, porém não recuo diante das difficuldades da situação. Amanhã ás 5 horas da manhã póde o sr. D. Telmo apresentar-se junto á alameda do duque de Ossuna. Ali encontrará adversario digno de se bater com elle. D. Francisco não recusará servir-me de padrinho. Basta-me um.

—Bem, disseram os dois padrinhos de D. Telmo. Tiraremos á sorte as armas, e amanhã, á hora indicada, ali se apresentará o sr. de Lovera com um de nós.

—Está ajustado, mas olhem que o duello com

o barão ha-de verificar-se. Pede-o a nossa honra.

D. Francisco continuava no mesmo exercicio, porém escutava tudo com attenção. Quando a conversação chegou a este ponto, voltou para a mesa, dirigiu-se ao seu collega, deu-lhe a mão, e disse-lhe com affecto:

— O seu brioso coração merecia melhor causa! Meus senhores, continuou D. Francisco, voltando-se para os padrinhos de D. Telmo, nenhum destes duellos póde realisar-se. A honra exige dos padrinhos do barão que procedam como este mancebo, mas eu, antes de ser padrinho, era tio do seu adversario, e esta qualidade dá-me o direito de pôr termo a esta questão. Meu sobrinho não merece a honra de um duello. D. Telmo tem razão. Podia ser generoso. Não o quer ser, e eu no seu lugar fazia outro tanto. Tambem não consinto que outrem se bata por elle. Se essa dedicação fosse justa, competia-me de direito. Eu é que propuz o duello em nome de meu sobrinho, e em nome delle retiro a proposta, declarando, que o insulto que lhe fez D. Telmo foi moderado em comparação com o procedimento do barão. . .

— Mas, sr. D. Francisco..., iuterrompeu o joven condiscipulo do barão.

— Socegue, meu amigo. A exageração da virtude é vicio. Eu sou juiz da honra da minha familia. Quem delinquiou, deve expiar a sua falta. Meu sobrinho obrou como um lacaios, e recebeu o castigo

que merecia. A nós compete-nos, como padrinhos, retirar-nos. A mim, como tio desse desgraçado, incumbem outros deveres. Conde, diga ao sr. D. Telmo que eu lamento que na minha familia houvesse um homem capaz das baixezas que meu sobrinho praticou, e que em nome d'elle, como tio e não como padrinho de duello, lhe peço que seja generoso em esquecer este triste negocio.

— Sr. D. Francisco, replicou o conde, apertando-lhe a mão, D. Telmo tem character nobre e delicado, como o seu. Apesar da repugnancia que elle mostra em bater-se com o sr. barão, sentimento que era até aqui o nosso, estamos promptos por consideração ao sr. D. Francisco a convir no duello. Tanta nobreza de alma merece o nosso respeito, e o de D. Telmo.

— Não, senhor. Meu sobrinho não ha de receber uma honra em troca das infamias que praticou. Se algum dia se emendar e seguir o caminho dos homens de bem, sempre será tempo de lhe ser concedida esta distincção. Eu não o quero ennobrecido, quero-o castigado.

— Mas se D. Julio lhe pedir uma satisfação? retrucou o conde de S. Marino, desejoso de corresponder a D. Francisco com igual generosidade.

— Não ha de pedir. Fallemos sériamente, e não queiramos vencer-nos mutuamente em abnegação. Meu sobrinho é um rapaz moralmente perdido, se esta lição lhe não aproveitar. Deixem que ella seja

completa. Com dois duellos julgará elle todas as culpas expiadas, e o caminho honrosamente aberto para outras. É mister salvar-o desse perigo, e fazel-o pagar pela vaidade humilhada as tentativas criminosas com que perturbou o socego e a felicidade de duas familias que o acolhiam com benevolencia. Esse é o maior serviço que se lhe póde fazer.

D. Francisco parecia inspirado ao proferir estas palavras. O seu semblante afogueado, as cans que lhe alvejavam no bigode e na cabeça, e a attitude severa, que é tão natural aos hespanhoes, davam força duplicada ás suas palavras. Levantaram-se todos, e foram abraçal-o. O bravo official carlista tinha as lagrimas nos olhos.

— Ainda bem que morreste, minha boa irmã, exclamou ao sahir de nossos braços, para não assistires á deshonra de teu filho!

Esta scena não podia prolongar-se. D. Francisco estava commovido, e precisava tomar ar. O conde e o coronel como que se envergonhavam da severidade com que tinham recusado a um homem como D. Francisco o duello com o sobrinho, e o joven amigo do barão não parecia ménos agitado do que o tio do seu condiscipulo.

Separamo-nos, pois, renovando a D. Francisco as expressões da nossa estima e consideração, e admirando a recta justiça do seu animó nobre e esclarecido. Quão raros são os que entendem que a honra consiste em proceder honradamente, e não em cru-

zar uma espada com outra ou em trocar duas bolas! Ainda mais raros os que se julgam com rigor a si e aos seus, e sabem condemnar-se á reparação e ao castigo como se não sentenciassem em causa propria! Estes podem succumbir á fragilidade humana, mas acham no sôpro divino que os anima, força sufficiente para cortarem pelo vivo da chaga moral, e para cauterisarem o cancro que ameaçava destruil-os!

Nessa mesma tarde soubemos que o barão partira para França acompanhado por D. Francisco.

## XXIV

*Em que se trata da verdade desta historia, do destino das pessoas que figuraram nella, da união iberica, dos tritões do padre Caldas, e de varias outras cousas.*

Madrid, 15 de abril.

E acabou a historia. Não sei se acabou bem ou se deveria ter differente conclusão, mas é certo que, boa ou má, não a inventei eu. Assim aconteceu. Assim a contei aos leitores. Se fosse mais dramatico o enredo, se os differentes caracteres apresentassem antagonismos sensiveis, se, finalmente, avultasse nestes successos alguma idéa philosophica importante, a minha narração teria sido igualmente a photographia dos acontecimentos. Infelizmente para o leitor ávido de sensações fortes, esta historia, que o acaso enlaçou com a minha viagem, correu prosaica como, por via de regra, deslisa a vida humana. Paciencia! *Otra vez saldra peor*, como diz o poeta hespanhol!

Os que fazem romances escolhem a idéa, o pensamento que intentam propagar ou combater, e depois organisam a acção de modo que sobresáia e triumphe a verdade a cujo serviço consagraram a penna. Mas eu não fiz um romance. Conteí uma historia verdadeira. Não escrevi para provar, segundo a phrase do philologo romano, escrevi para narrar.

Ha quem escreva historia em romances; não falta quem empregue egual meio para fazer tratados de philosophia, e quem aproveite este genero para dar idéa dos costumes dos povos. Bom pensamento é, porque muita gente alcança por tal modo instrucção que não adquiriria de outra maneira. Porém, verdade, verdade, eu não tive nenhum destes intuitos. Conteí o que vi, e se alguma vez tomei a liberdade de me arredar desta escrupulosa fidelidade, foi para que o leitor não advinhasse quem eram os personagens reaes desta veridica historia. Se, com effeito, consegui desviar delles as suspeitas dos curiosos, alcancei o meu fim, que era divertir quem lesse, sem pôr no pelourinho pessoas vivas, e algumas dignas de respeito.

D. Julio vái casar com Margarida. Terá muita riqueza, será grande de Hespanha de 1.<sup>a</sup> classe, conde de Relta, duque de Lialva e o mais que já fica dito. Que vale isso? Mas terá por esposa a mulher que elle adora, e que lhe paga com affecto igual. Isto vale muito!

Creio que serão felizes ambos. O character de D. Julio é honrado por instincto e por educação. O de Margarida é nobre e delicado. Ambos possuem em grão subido o sentimento da dignidade propria, que é a melhor salva-guarda contra as catastrophes conjugaes. Hoje amam-se e respeitam-se. Amanhã póde acabar o amor. O respeito ficará sempre a encobrir a ausencia da affeição vehemente.

D. Telmo casará no mesmo dia com Mad. de Landstein, a qual tomará o titulo de condessa de Melara, que D. Rodrigo de Lovera cedeu ao irmão, para que a mulher não ficasse prejudicada na mudança de estado. É indifferente ser condessa ou não o ser, mas passar de titular a simples mortal, é cousa de que as senhoras não gostam, e os homens tão pouco.

O barão foi viajar com o tio. Não se sabe quando voltará. Uns dizem que se estabelecerá em Barcelona. Outros asseveram que irá residir na America. O pae deixou ali alguns bens, e o irmão do barão-sito está casado no Brasil, como se disse no principio desta historia.

Pepita volta para casa da mãe, cujas enfermidades nervosas exigem a presença e os desvelos da filha. Dizem que um primo militar, que serve nas Philippinas, virá brevemente dar-lhe a mão de esposo.

D. Rodrigo affirma que não casa, e que toda a fortuna que lhe vier dos paes será para a irmã. O

leitor não teve occasião de o conhecer, porque D. Rodrigo está no exercito, e não figurou n'esta historia. Tambem eu o não conheço, mas faço idéa de que é um bravo militar, muito amigo de O'Donnell, porque o levou á guerra, e de Prim, porque o escolheu para companheiro em um dos feitos de armas da guerra de Africa.

Imagino que sonha com novas emprezas, e que se o deixassem governar, teria já combatido pelo duque de Parma e pelo rei de Napoles, ambos de sangue hespanhol, e pelo papa, chefe da igreja catholica. Em quanto o não chamam a batalhar, enfastia-se e desespera como um official activo em tempo de paz.

Os hespanhoes, desde que renovaram as suas relações com o cheiro da polvora, andam inquietos. Gostaram e querem mais! É natural! Na verdade, possuir um exercito bem organizado, saber que é valente, e vel-o empregado em acompanhar procissões, em fazer alas para a passagem da soberana, e em revistas sem perspectiva de combate, é triste para um militar.

Eu bem sei que os politicos proclamam a necessidade absoluta da paz, porém o militar não entende que esse desejo pacifico se exprima desenvolvendo, melhorando e augmentando os exercitos permanentes. O seu officio é batalhar. Se ninguem quer combater, então mandem-o embora. Este argumento é simples, mas concludente. Quando até os soldados do

papa acharam meio de se distinguirem pelejando, a ociosidade é um flagello para quem sabe de cór os feitos de Carlos v, e as façanhas de D. João d'Austria, sem fallarmos dos tempos heroicos de Pelaio, do Cid e do grão capitão!

Eu não assisto aos casamentos. É-me indispensavel partir amanhã. Negocios particulares exigem a minha presença em Paris, e aqui já não sou necessario á familia de Lovera. O negocio que me trouxe a Madrid morreu ás mãos da idéa iberica, de que estes bons hespanhoes andam namorados, como andava da mui formosa Dulcinéa del Toboso o heroe do Cervantes.

Os nossos excellentes irmãos e vizinhos têm pelos portuguezes uma paixão entranhada! Corta o coração vêr com que affecto nos amam, e observar a frieza de velha *coquette* com que nós escutamos os seus requebros amorosos!

Quanto valem, quanto possuem, tudo nos offerecem para nosso bem. Seremos felizes, se isso nos agradar ou mesmo sem que nos agrade; teremos imprensa com fiscal, como o doente de cuja cabeceira se não afasta o medico; poderemos aproveitar um systema administrativo, em que os membros dos corpos dissolvidos não podem ser reeleitos; e ficaremos, finalmente, em dieta de liberdade, como está a Hespanha inteira. Já é necessario ter o coração duro para não se render a tanta generosidade!

E estes offerecimentos não são palavras estereis!

O governo central de Madrid deu ordens a Lisboa durante sessenta annos, e a lembrança desses bons tempo ainda se conserva na tradição popular. Tanto bem nos queriam os nossos irmãos castelhanos, que iam dando cabo de nós á força de nos apertarem nos braços. Era amor de macaca!

Tambem governaram Flandres, dominaram na Italia, possuiram parte da França, e dispozeram de largos territorios na America. Em todas essas regiões procederam com espantosa doçura. Se ás vezes levaram tudo a ferro e fogo, foi para bem dos povos.

A tempo o ferro é mésinha

diz o nosso Sá de Miranda. Os castelhanos sabem de cór este grave aphorismo politico. Mas vejam quanto o coração humano é ingrato! Flandres, Italia, o meio-dia da França, e a America divorciaram-se do bom governo de Madrid. Achavam-o talvez tolerante e benigno em demazia!

Nós então somos incorrigiveis na ingratidão! Se ha governo a quem devamos favores, é ao de Madrid. Já em 1807 mandou a Portugal as suas tropas conjuntamente com as francezas para ajudarem a nascer o Camões da Beira e o do Algarve, que Junot promettera á nossa terra. Os hespanhoes estavam convidados para padrinhos do novo poeta! Até o principe da paz, aquelle santo Godoy, que dizia ser dos Farias portuguezes, se sujeitava a ser

rei do Algarve só para nosso engrandecimento! Já era abnegação!

Este processo da união iberica é antigo, e por mais revistas que os hespanhoes requeiram para que se reforme a sentença, a decisão é sempre a mesma. Á morte de D. Fernando renovaram o pleito, mas não lhes foi favoravel o julgamento de Aljubarrota. De 1640 a 1668 nova demanda, e resultado egual! Pois agora, fiquemos assim, que estamos bem.

Á minha patria venha o mal que eu quero á Hespanha. Prospere ella, e prosperemos nós outros, mas que não seja á custa dos interesses ou dos affectos de qualquer dos dois povos.

O caso é que eu vou-me embora ámanhã, e sem ver muitas das coisas notaveis de Madrid, que se levaram a cabo depois do anno de 1854, em que estive aqui. Uma dellas é o canal de Izabel II, pelo qual o rio Losoya vem á capital de Hespanha envergonhar o Manzanares, e refrescar a cidade, que bem carecia deste beneficio.

Acabou a poeira madrilená, aquella classica poeira que ennevoava o ar, como o fumo de tabaco faz nos theatros e nos cafés. Agora despejam-se nas ruas torrentes de agua. Ha lama em abundancia, mas de poeira nem um atomo. Andam nas ruas e nos passeios umas pipas em carros, porém, em vez do ralo para despejarem a agua com a igualdade de um borrifador, têm uma longa mangueira de couro, por cuja extremidade em fórmula de bola sahe a agua.

A esta mangueira está atada uma corda, com a qual o conductor a agita para fazer que despeje a agua. É o systema tradicional, como convem a um paiz monarchico, que não gosta de innovações!

O caso é que não tenho tempo para vêr o canal, nem outras cousas que desejava examinar. Vou fazer as minhas despedidas, mandar visar o passaporte, preparar a mala, tomar bilhete do caminho de ferro, e amanhã á noite estarei em movimento para Alicante dentro de um wagon. Resolvi ir pela costa do Mediterraneo. Já estou cansado do caminho do norte. Quero avistar terras que me são desconhecidas, e vêr se nas aguas que estão para dentro das columnas de Hercules ainda passeiam aquelles tritões que appareceram ao nosso padre Caldas! Que Tritões! Sabiam latim, e veneravam a antiguidade! Eram Tritões classicos! Duvido que ainda por lá andem.

Mas não parto sem ir visitar a Peralta. Pois ia-me esquecendo! Villão servido, villão fugido, diz o proverbio. Nós somos todos assim. A pobre mulher fez quanto podia fazer, e mostrou-se nobremente interessada em praticar uma acção boa. Merece agradecimento, e, coitada, fôra injustiça privar-a de um prazer que raras vezes lhe pôde caber! Quem deve gratidão á Peralta? Ninguem lh'a pôde dever honradamente. Triste condição!

Não murmure o leitor de que eu, homem casado e em principios de velhice, me vá despedir da Pe-

ralta. Bem sabe quanto ella contribuiu para que as intrigas do barão cahissem inteiramente por terra. E, no fim de tudo, eu já visitei hospitaes, entrei na casa dos doudos, desci ás enxovias das cadêas, e assisti a mil outras manifestações da miseria humana. Ando a estudar o que vae pelo mundo para poder deixal-o sem saudade. Morre placidamente quem sabe de que tristezas nos livra o repouso eterno!

D. Julio deve á Peralta bem mais do que eu. De que modo intentará elle mostrar-se reconhecido? Não sei. Quiz deixar este ponto melindroso á delicadeza do senhorito de Lovera, e não lhe fallei em cousa alguma. Provavelmente, no enlevo dos seus amores restaurados, nem já se lembra da pobre Peralta. Quero vêr.

---

## XXVI

*De como dei por concluida esta viagem com uma visita a casa da Peralta, onde vim a saber que o demo não é tão feio como o pintam.*

Madrid, 15 de abril de 1861.

Venho de casa da Peralta. Que mulher singular! Eu não sou devoto das *filhas de marmore*, nem das *damas das camelias*. Quero mal a Alexandre Dumas, filho, por ter creado a litteratura do lupanar! Antigamente as scenas da vida illegitima estudava-as o philosopho theorico em livros que se diziam prohibidos, e que de facto não estavam á mão de toda a gente. Nessas obras chamava-se ao pão pão, e ao queijo queijo. A obscenidade que reinava da primeira á ultima pagina era um obstaculo á vulgarisação do livro.

Hoje põe-se o lupanar em scena. Todos os personagens são castos como Suzana. Se teem fraque-

zas, levou-os a ellas um sentimento poderoso, um amor que purifica todos os vicios, que lava todas as manchas, e que faz cá na terra as vezes de purgatorio. A sociedade do vicio procede como a da virtude. Parece respeitar as mesmas idéas, obedecer aos mesmos instinctos, e seguir em tudo o bom caminho. Alexandre Dumas, filho, cuidou revelar uma força social occulta, e talvez julgou diminuil-a pela publicidade. Enganou-se. Elle é que a legalisou pela magia scenica, e pelo encanto do estylo. A cohorte do vicio pulou de contente por lhe nobilitarem o officio.

Não gosto disto, e confesso que vi com repugnancia a necessidade de que a Peralta entrasse na historia do casamento de D. Julio. Mas como poderia eu evital-o? Estas mulheres entram em tudo, e governam tudo e todos. A sua força exerce-se sobre a fraqueza alheia. Quem lhes poderá resistir?

Mas entre a Peralta e outras mulheres da mesma cathogoria ha uma grande differença. Estas são o que são, e não podem, nem querem ser outra cousa. Aquella não é o que parece, e conservou sempre viva a saudade dos tempos de innocencia e de virtude. Cahiu no abysmo com os olhos cerrados, mas não perdeu a esperanza de sahir delle.

Quando me annunciei em casa da Peralta, mandaram-me entrar para a salla onde ella me recebera pela primeira vez, e uma criada veiu dizer-me que a senhora me pedia o favor de esperar alguns mi-

nutos. Ao cabo de um quarto de hora, tornou a apparecer a mesma criada, e, fazendo-me atravessar um pequeno corredor, deu-me entrada em um gabinete. A Peralta estava ali sentada á mesa em que acabava de escrever. Pareceu-me descobrir-lhe nos olhos vestigios de lagrimas.

— Talvez escolhi mal a hora de vir fazer-lhe as minhas despedidas, disse-lhe eu, sentando-me em uma cadeira que a criada arrastára para perto da mesa.

— Não, senhor. Pelo contrario, estimo que viesse agora. Eu estava para lhe escrever.

— A mim? Então que novidade ha?

— Bagatella. Era para lhe fazer as minhas despedidas. Eu tambem me vou embora.

— Vai-se embora? Para onde?

— Para Valencia, onde tenho uma propriedade. Vou-me transformar em aldeã.

— E que diz a isso o duque de Roseta?

— O duque ha-de consolar-se da minha ausencia, como todos se consolam do que mais os afflige. Elle não é egoista. Tem paixões, mas sabe dominar-as.

— Porém que motivo poderoso deu causa a resolução tão repentina?

— Uma cousa bem simples. O procurador de D. Julio veio visitar-me esta manhã, e trouxe-me vinte mil duros, e a doação de uma casa de campo nos arrabaldes de Valencia, que é propriedade da casa de Relta. A doação é em nome da condessa. Os

vinte mil duros são presente de D. Julio. Quiz oppôr-me a esta inaudita generosidade, porém o procurador disse-me que este presente era uma dadiua dos noivos, não para me pagarem o serviço que lhes fiz, ajudando a mostrar a falsidade das intrigas do barão, mas para me darem os meios de viver independente. O sr. D. Julio e a sua noiva, acrescentou o homem, conhecem a nobresa de sua alma, e querem ajudal-a a seguir os seus instinctos virtuosos. Aceite e viva honradamente. A emenda da sua vida será o melhor testemunho de gratidão que poderá dar a quem lhe faz este beneficio. Eu não sou de rodeios. Digo as cousas como ellas são. Se se tratasse de augmentar o seu luxo, e de lhe dar armas para novas conquistas, eu não me encarregava da commissão.»

—E aceitou?

—Aceitei, sim. Este presente é avultado, mas não excede ás forças pecuniarias de quem m'o enviou. É um legado com obrigações. A origem é nobre, o fim nobilissimo. É uma taboa de salvação. E eu quero salvar-me.

—Fez bem. Mal sabe o prazer que me causa esta novidade. Faço justiça aos seus bons sentimentos, e sei o uso que ha-de dar a essa fortuna. Por outro lado, folgo de vêr que D. Julio e a noiva são duas almas elevadas.

—São os meus bemfeitores. A minha vida agitada acabou. Parto hoje para Valencia. Deixo esta

casa a minha tia, porque desejo viver só, e acabo agora mesmo de escrever ao duque, participando-lhe a minha resolução. Esta carta será entregue de manhã. Quero esquivar-me a uma scena de despedida. Desejo que me considerem morta. E, na verdade, a Peralta, como por ahi me chamam, morreu hoje. No logar della ficou uma pobre mulher, que vai procurar na tranquillidade da vida honesta esquecer o passado, e até o nome da outra. Ia escrever-lhe para lhe contar tudo isto, e para lhe pedir que dissesse aos noivos quanto eu lhes estou agradecida. União que começa por acções destas, não póde ser infeliz!

A sensibilidade da Peralta estava excitada em subido gráo. As lagrimas banhavam-lhe as faces, que, ao mesmo tempo, contrahia um sorriso de ventura. Esta mulher, que a avidez e corrupção da tia lançára no caminho do vicio, e que os habitos de luxo e de ostentação conservaram n'elle, exultava de poder quebrar as cadêas que a ligavam; e de sahir de tão triste captiveiro. Na carreira desordenada da sua vida, os sentimentos honestos nunca a tinham abandonado inteiramente, antes a cada instante lutavam para vencer os outros. Agora resurgiam todos de novo como que a felicitava do triumpho, e a animava na resolução de ser virtuosa.

Dei-lhe os parabens da nova situação em que ia collocar-se, e offereci-lhe o meu prestimo em Paris.

—Levo comigo a satisfação, conclui eu, de que fiz justiça ao seu character desde o dia em que tive o prazer de fallar-lhe pela primeira vez.

—Pois bem, ajuntou ella, não perca essas boas idéas, e se nas suas viagens desembarcar alguma vez em Alicante, vá fazer-me uma visita a Valencia. A estima dos outros fortalece as nossas melhores intenções. Eu preciso deste auxilio.

—Engana-se. A estima do publico nem sempre é concedida ás boas accções. Procure estar em paz com a sua consciencia, e não se importe com o mundo. Da minha parte póde sempre contar com a maior consideração e affecto.

Sahi de casa da Peralta, e vim pensando pelo caminho que, se os 18,000,000 de pessoas que povoam a Hespanha, fossem convocados a dar a sua opinião ácerca da moralidade desta mulher por meio do suffragio universal, não haveria seis votos a favor della, mesmo depois de conhecida a historia inteira da sua vida. O suffragio universal é assim. Por isso, eu o detesto desde que me conheço.

Agora peço ao leitor que não quebre a cabeça a advinhar os nomes verdadeiros das pessoas que entram na historia que acabo de narrar. É inutil trabalhar nisso. De certo se enganaria, porque eu de tal fórma lhes puz barbas postiças, cabelleira e outros disfarces, que o mais curioso leitor ha de passar por ellas sem as conhecer, ainda que na vespera tivesse estado a fallar-lhes.

A relação da minha viagem acaba aqui. Poupo a quem tiver a pachorra de lê-la a descripção do modo pelo qual arranjei a mala e o sacco de jornada, a narração das visitas que fiz pessoalmente ou com bilhete, e a historia do trajecto de minha casa até ao caminho de ferro em companhia dos sr.<sup>es</sup> Antonio de Brederode, e Fernando de Almeida (Lapa) que estavam em Madrid, e que tambem vão para Paris. Podia descrever a *gare*, mas é uma casinhola que não merece larga escripta.

Ámanhã a esta hora estarei no caminho de Alicante, onde embarcarei para Marselha. Se tiver tempo, contarei aos curiosos de viagens o que passar no regresso de Madrid a Paris. Heide ter de certo.

Adeus, Hespanha da minha alma! Fica-te em paz! Ainda desta vez me não fuzilaste!

FIM.

The first part of the book is devoted to a general  
 introduction of the subject, and to a description of  
 the various methods which have been employed  
 for the purpose of determining the true  
 nature of the matter in question. The author  
 then proceeds to a detailed account of the  
 experiments which he has performed, and  
 of the results which he has obtained. He  
 concludes with a summary of his findings, and  
 a discussion of their importance.

## NOTAS

---

Pag. 17 *dynastia Dumas e dynastia Gautier.*

Alexandre Dumas, o famigerado marquez de la Pailleterie tem um filho, cuja reputação litteraria é universal. Tambem é escriptor e poeta o filho de Theophilo Gautier. O amigo de Garibaldi, e o autor de *Tralos Montes*, ambos fundaram dynastia.

Pag. 18 *dever meu.*

Era dever meu trabalhar para concluir a obra que principiára a publicar em França, e trabalhei até que força maior me vedou o caminho.

Pag. 21 *o visconde de Laborim.*

Todos sabem que este cavalheiro, hoje conde do

mesmo titulo, e a todos os respeitos digno de estima, é o chefe da escola dos escriptores chamados de estylo imaginoso ou renascença seiscentista, que estão *enricando*—o verbo é delles—a nossa litteratura.

Pag. 34 *H. P.*

- Não sei porque razão me escaparam no original essas iniciaes em vez do respeitavel nome que ellas representam.

Eu alludia ao sr. Henrique Poydenot, honrado e intelligente commerciante de Bayonna de França. e que exerce ali as funcções de consul da Saxonia. É um cavalheiro ao qual eu, e as pessoas que lhe tenho recommendado, somos devedores de especiaes attencões.

Pag. 44 *Lopes de Haro e Mazarino.*

Estes dois homens de estado resolveram na ilha dos Faisões que a França desampararia a causa de D. Affonso vi, que Richelieu protegera, e que Mazarin resolvera sacrificar á Hespanha apezar das diligencias do conde de Soure, e das amigaveis instancias que sempre fez a favor de Portugal Turenne, o conde de Harcourt, e o duque de Lorena.

O conde de Soure chegára a França como embaixador a 4 de junho de 1659, e a 20 de novembro assignava-se na ilha dos Faisões o celebre tratado dos Pyreneos; resultado das negociações para o casamento de Luiz xiv com a infanta de Hespanha D. Maria Thereza filha de Philippe iv.

Este successo foi reputado de tal maneira desastroso que o duque de Aveiro e Fernão Telles, em-

baixador da regente portugueza na Hollanda desesperaram da patria, e submetteram-se aos hespanhoes. Não aconteceu outro tanto ao conde de Soure a quem não pareceu difficultosa a tentativa de vencer o proprio ministro de Hespanha em Paris para desfazerem ambos as machinações francezas.

Á morte de Mazarino em 9 de março de 1661 mudou a politica franceza; em abril de 1662 casou a sr.<sup>a</sup> infanta D. Catherina de Bragança com o rei Carlos II de Inglaterra por intervenção do proprio Luiz XIV, e em 1668 reconheceu a Hespanha a independencia de Portugal.

A revolução da ilha dos Faisões foi para os hespanhoes o que os francezes chamam *eau bénite de cour* (água benta da côrte) e para Portugal o que tantas vezes são as deliberações diplomaticas, isto é, uma brincadeira.

Ainda assim ao passar defronte da ilha dos Faisões não amaldiçoemos o astuto cardeal. Se nos não fez o bem que podia, tambem não foi tão lerdo que nos fizesse o mal que os hespanhoes esperavam.

#### Pag. 48 *Corneta*

O verdadeiro nome desta povoação é *Urnieta*, segundo vim a saber depois. Fiquei zangado quando o soube, porque a semsaborona verdade vinha-me quebrar nas mãos a stridente corneta do Hernani, que me apparecera como em sonhos na viagem. Resolvi fazer de poeta. Não se offendam os geographos. *Urnieta* não muda o nome, mas eu tambem não altero o que escrevi. Façamos de conta que se chamava *corneta* segundo me pareceu ouvir ao maioral da deligencia, e passemos a outro assumpto.